



Oswaldo Colin



Afonso Celso Pastore



Ernane Galvêas

O dinheiro do FMI para o Brasil, garantido.

A.M. Pimenta Neves, nosso correspondente em Washington.

Fontes do Fundo Monetário Internacional garantiram, ontem, que o Brasil não será afetado pelos problemas de liquidez que o FMI poderá enfrentar no final do ano e que já levaram seu diretor-gerente, Jacques de Larosière, a suspender a formalização de novos acordos de empréstimos com países-membros dentro da linha de crédito ampliada.

Os recursos formalmente prometidos ao Brasil e a outros países estão resguardados, disse uma fonte. No que diz respeito ao Brasil, as parcelas, cujos desembolsos foram suspensos — devido aos desvios na execução do programa de ajustamento acertado com o Fundo —, serão prontamente entregues ao País, uma vez que esses desvios sejam perdoados e que a nova carta de intenção e novo memorando técnico sejam aprovados pela diretoria-executiva do organismo. Se o Brasil ficar sem os recursos, não será pelos problemas de liquidez do FMI.

A questão de liquidez do FMI será um dos principais temas também desta reunião, a 38ª que as instituições de Bretton Woods — o Banco Mundial e o FMI — realizam conjuntamente. Ontem, Frank Vogl, assessor do presidente do Banco Mundial, afirmou que para A. W. Clausen resolver o problema dos recursos do FMI é prioritário. Isso significa muito, já que o próprio Banco Mundial e, especialmente seu braço mais generoso, a Associação Internacional de Desenvolvimento (IDA), estão com problemas semelhantes.

A verdade é que, sete meses depois de o comitê interino ter dado o sinal verde para o aumento dos recursos ordinários do FMI — o que ainda não se concretizou —, o Fundo Mo-

netário não consegue sequer obter empréstimo de emergência de seus membros mais ricos, à taxa próxima da de mercado. O Grupo dos Dez, constituído pelos principais industrializados, recusou entrar com três bilhões de Direitos Especiais de Saque (DES — moeda escritural do FMI, que vale aproximadamente 1,05 dólar) de um pacote de seis bilhões de DES, que seria completado pela Arábia Saudita. Assim os sauditas também não darão a sua parte.

Com a recusa do Grupo dos Dez, seus membros europeus quiseram manifestar seu desapontamento diante da relutância do Congresso dos Estados Unidos em aprovar o aumento das cotas (recursos ordinários) do FMI, que foi decidido pelo comitê interino em fevereiro. Embora as duas Casas do Congresso dos Estados Unidos tenham aprovado a participação norte-americana no aumento das cotas, os dois projetos de lei divergem e têm de passar por uma comissão de conferência. Nesse meio tempo, recrudescu a campanha contra a iniciativa e, segundo fontes bem informadas, a administração Reagan de convencer mais cem deputados para conseguir que o texto final passe pelo plenário da Casa dos representantes.

Neste momento o FMI tem a sua disposição dez bilhões de DES de recursos ordinários, mas, no fim do ano, esses recursos terão caído para 6,5 bilhões de DES. Além dos recursos ordinários, o FMI repassa aos membros recursos que ele próprio toma emprestado de fontes oficiais, isto é, dos países ricos.

Acontece que há um buraco de quatro bilhões de DES na carteira de recursos que o FMI toma de empréstimo das fontes oficiais e que já prometeu repassar aos tomadores mais pobres. Esse buraco será de seis bilhões de DES no final do ano, de acordo com os cálculos do diretor-gerente. Por isso, estava pedindo aos governos dos países ricos e da Arábia Saudita que lhe emprestassem seis bilhões de DES até o final do ano. Diante de sua recusa (que não é definitiva), ele teve de, provisoriamente, suspender novos acordos de empréstimos com países necessitados.

O que acontecerá pode muito bem depender mais uma vez do Congresso dos Estados Unidos. Teoricamente, os países têm até 30 de novembro para ratificar o aumento das cotas do FMI. Esse prazo pode ser estendido. Mas a obstinada oposição que

A economia em recuperação? Há dúvidas.

As perspectivas de recuperação econômica dos países industrializados "não são tão alentadoras" como se previa até há algumas semanas atrás, e, portanto, não se deve depositar muitas esperanças em seus efeitos na reativação da economia mundial. Essa advertência foi feita ontem por altos funcionários do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial e das Na-

ções Unidas ao chamado Grupo dos 24, que representa os países em desenvolvimento da Ásia, África e América Latina.

O Grupo dos 24 está reunido desde quarta-feira para preparar a posição do mundo em desenvolvimento na Assembléia Anual do FMI e do Banco Mundial, que se realizará em Washington de 27 a 30 de setembro.

Segundo um delegado sul-americano ouvidor pela agência AFP, "os informes que recebemos são muito técnicos e nada alentadores. Os sinais de recuperação econômica percebidos nos EUA e em outras nações industrializadas são menos sólidos do que se havia pensado".

Outra fonte do Grupo dos 24 lembrou que "os informes desalentadores

que recebemos reforçam nossa tese de que é necessário um plano para reativar a economia mundial".

Outro problema que vem sendo discutido pelo Terceiro Mundo é a falta de recursos do FMI, que, segundo fonte bem informada, estará sem dinheiro antes do fim do ano, caso não se concretize imediatamente o aumento de verbas.

o aumento encontra no Congresso — onde a idéia é vista como um esquema para resgatar os grandes bancos comerciais — pode prolongar a crise de ansiedade que a comunidade internacional vive neste momento. Há pouca esperança de que as autoridades financeiras consigam resolver o problema nesta reunião, que oficialmente começa dia 27, mas que será precedida por um crucial encontro do comitê interino no próximo domingo.